



RESUMOS > COMUNICAÇÕES
Terça-feira > 17/10 > 16:00-17:30
Auditório Baesse

Daniel Pucciarelli > UFMG

Da Teoria estética à Inestética: conceito e função da estética a partir de Adorno e Badiou

As modificações estruturais por que passaram a sociedade e a arte europeias na Modernidade e o correlativo vaticínio hegeliano do “fim da arte” tiveram amplas consequências, como é óbvio, para o próprio estatuto da estética filosófica. Se é verdade que, também em virtude de seu caráter tardio dentre as disciplinas filosóficas tradicionais, a estética fora considerada aquela com bases teóricas notoriamente mais frágeis, então também é certo que essa fragilidade se intensifica ainda mais na contemporaneidade. Nesse contexto, talvez seja possível afirmar que não há estética filosófica no século XX que não tenha tido primeiramente de prestar contas quanto a sua própria razão de ser, seu objeto e a fundamentação de suas proposições. Partindo desse diagnóstico, a comunicação versará sobre o conceito mesmo da estética contemporânea a partir de dois autores que, embora provenientes de tradições filosóficas diversas (e mesmo antagônicas sob certos aspectos), convergem quanto ao esgotamento do quadro teórico e artístico que sustentava as estéticas modernas e à necessidade de reformá-lo: Adorno e Badiou. Em um exercício comparativo, portanto, apresentaremos o conceito, os desafios e as potencialidades da estética contemporânea em ambos os autores. Especial atenção será dada à função sistemática e arquitetônica da disciplina no quadro mais amplo de sua filosofia, notadamente no que concerne à constelação formada pelos termos pensamento, arte e verdade.

Ulisses Razzante Vaccari > Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

O fim da Estética e a Nova Crítica de Arte em Benjamin

O tema do fim da estética remonta à filosofia hegeliana. Em seus Cursos de Estética, Hegel procura, entre outras coisas, mostrar a inoperância da estética tradicional, cuja certidão de nascimento havia sido emitida algumas décadas antes, com Baumgarten. Tal prognóstico, em Hegel, vem acompanhado da concepção sobre o fim da arte que, no nosso entender, não se refere ao fim absoluto de toda e qualquer concepção artística, mas especificamente ao conceito tradicional de obra. Como o conceito de obra, entendida como uma exposição sensível da Ideia ou do absoluto, chega ao fim, o discurso tradicional sobre a arte também se torna inoperante. Um dos cerne da obra de Benjamin consiste igualmente em pensar a passagem da obra de arte tradicional para a arte contemporânea e como, a partir disso, torna-se necessário um novo discurso capaz de absorver e compreender essa nova arte. Sua preocupação com a fundamentação filosófica da crítica de arte desde os tempos de sua tese de doutorado sobre o romantismo alemão atesta esse caminho, que se estende às obras de maturidade. O objetivo da presente comunicação, nesse sentido, consiste em investigar, de uma forma geral, a constituição do método da crítica de arte em Benjamin, procurando apontar os seus diferentes matizes ao longo de sua produção e, se possível, os seus ecos em concepções conhecidas, como é o caso de sua filosofia da história.

Rita Márcia Magalhães Furtado > Universidade Federal de Goiás

Entre a palavra e o silêncio: imagem e experiência estética no cinema de Béla Tarr

O propósito desse trabalho é o de analisar a questão da imagem no conjunto da obra do cineasta húngaro Béla Tarr que, em seu formalismo rigoroso, suscita elementos pontuais para enfatizar a sobreposição da imagem à palavra. É o caráter artesanal que Tarr imprime a seus filmes, com a ênfase no tempo lento, que evidencia o paradoxo de seu cinema que traz a marca da técnica que se faz

na lentidão, na contraposição da técnica que se efetiva no tempo acelerado da indústria tecnológica. Tarr é, sobretudo, um observador distanciado da cena, mas que está também, e ao mesmo tempo, imerso nela. Distancia-se para enquadrar a visão e penetra na cena para aguçar a percepção. O olhar técnico se funde com o olhar cultural. E é a imagem em preto e branco que permite esse duplo movimento num percurso ambíguo. A imagem, sem o ornamento da palavra, quase isenta de expressão, produz em nós um efeito quase devastador que nos assola, ao mesmo tempo que nos convoca a um outro olhar, dessa vez, polissêmico. É nesse sentido que, pensamos, essa análise contribui para uma nova perspectiva na compreensão da imagem em sua potência silenciosa, observada na experiência estética no cinema de Béla Tarr.